
DOS ESTUDOS CULTURAIS AO NOVO CONCEITO DE IDENTIDADE

FROM THE CULTURAL STUDIES TO THE NEW CONCEPT OF IDENTITY

Alfrancio Ferreira Dias¹

RESUMO: A metodologia de compreensão aplicada nos estudos culturais nos chama a atenção para os impactos das relações sociais que se articulam entre cultura e o contexto social contemporâneo. Pensamos aqui, a introdução dos estudos culturais para os estudos das identidades como um processo desmitificação de uma cultura central. Assim, nesse trabalho lançamos o desafio de analisar a contribuição dos estudos culturais desde sua gênese para compreender o processo de mutação do conceito de identidades tácitas para identidades culturais.

Palavras-Chave: Estudos culturais; Identidade; Globalização.

ABSTRACT: The methodology of comprehension applied in the cultural studies draws attention to the impacts of social relations that are articulated between culture and contemporary social context. We think here, the introduction of cultural studies to the studies of identities as a process of demystification of a central culture. Thus, this work launched the challenge of analyzing the contribution of cultural studies from its genesis to understand the process of changing the concept of rigid identities to cultural identities.

Keywords: Cultural Studies; Identity; Globalization.

1 QUESTÕES INICIAIS

A metodologia de compreensão aplicada nos estudos culturais nos chama a atenção para os impactos das relações sociais que se articulam entre cultura e nosso contexto social contemporâneo. Pensamos aqui, a introdução dos estudos culturais para os estudos das identidades como um processo desmitificação de uma cultura central a partir do “enraizamento econômico-político da cultura por meio de uma leitura genealógica”

¹ Doutorando em Sociologia (NPPCS/UFS); Professor do Departamento de Ciências Humanas e Letras (UESB); diasalfrancio@hotmail.com.

(MATTELART e NEVEU, 2004, p. 10), na medida em que essa perspectiva pode nos liberar de antigas concepções centralizadoras da cultura, bem como da ideia de hegemonia cultural, visto que os debates teóricos atuais mostram que a centralidade da cultura se transforma no cotidianamente. Segundo Hall (2003, p. 43):

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

A ideia de Hall de passagem do “ser” para o “tornar-se” é magnífica para compreender que os estudos das identidades. A cultura é um conjunto de significados/significantes que através das tradições desvia-se para uma nova forma de situar-se, produzir-se, no sentido mais amplo, num processo de metamorfose em que novos conceitos, compreensões e caminhos nos permitem o surgimento de novos sujeitos. Esse processo de metamorfose nos permite refletir sobre o caminho que percorremos perante nossas tradições e, se esse caminho esta sendo codificado a partir das intervenções do cotidiano, pois o “fazer” pressupõem reconstruir-se a partir de debates advindos da contestação da tradição e a nova forma de pensar contemporaneamente a cultura.

Nos dias atuais mais que nunca, o advento da globalização tem trazido à tona para o debate acadêmico uma série de indagações sobre a cultura. Obviamente, estão sendo testados em efervescência os modelos culturais tradicionais e, o processo de mutação das identidades, no sentido que vivenciamos efetivamente um processo de formação e transformação cultural sem mais limites de tempo e espaço como bem disse Hall:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o

globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes das antigas potências imperiais e, de fato do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia (HALL, 2003, p. 44).

A estabilidade da identidade cultural passou a ser testada a partir do processo migratório de culturas, possibilitada principalmente para diminuição da relação tempo/espaço como tão bem aborda o Antony Giddens em *A Constituição da Sociedade*. Nesse sentido, o processo migratório encaixa de forma precisa para mostrar formas de classificação e como as identidades se constroem nesse processo. É o que propôs a pesquisadora Kathryn Woodward quando fez uma introdução conceitual sobre a relação entre identidade e diferença, deu ênfase ao aspecto da migração para entender a formação da identidade cultural, pois segundo ela, “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades” (WOODWARD, 2007, p. 21). As tendências das culturas se aproximarem diminuindo a disparidade entre tempo e espaço, se inicia a partir da flexibilização das relações sociais, bem como de uma “modernização das instituições” trabalha por Giddens (2002).

Essa relação propõe um processo irreversível de fluidez das culturas que vem desenvolvendo o estreitamento das nações, pondo em evidência o vínculo do homem com as sociedades, testando-os como seres que se localizam em meio a um campo social e cultural indefinido. Nesse sentido, Hall (2006) nos alerta sobre o papel da tecnologia para o cerco perante as identidades tácitas, nos mostrando como o impacto da globalização está mudando as identidades culturais nacionais, raça, gênero, etnia, na medida em que os avanços da globalização vêm fragmentando as regulações culturais das identidades a ponto do surgimento de uma “crise de identidade”.

O processo de preocupação com as influências e interferências da globalização na noção de cultura é uma das inquietações mais relevantes nos debates das Ciências Humanas nas últimas décadas. As reflexões perpassam pela necessidade de repensar a cultura em

meio ao processo de globalização, caminhando para entender a cultura como uma produção de massa, fruto das intervenções que Mattelart (2004) chamou de “indústrias culturais”.

Com o advento da modernidade, acompanhamos a massificação das culturas introduzidas pela indústria cultural, num fluxo acelerado de informações que num processo natural modifica as identidades, na medida em que novas formas de pensar e de existência são atributos indispensáveis para o convível no mundo social. Antony Giddens já na apresentação da obra *Modernidade e Identidade* nos alertava para essa realidade, pois segundo ele “a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (GIDDENS, 2002, p. 09). É essa forma de alteração rápida e incontrolável do meio social cotidiano que concretiza a ideia de que quando se altera os aspectos individuais, também se fragmenta as identidades antes estáveis. Nesse sentido, quando Giddens verifica as questões da globalização numa esfera global nos mostra o caminho para entender as influências e interferências que a modernidade intensifica. Segundo ele,

A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual e, portanto, com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois “extremos” da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro (GIDDENS, 2002, p. 09).

A dualidade é uma presença marcante no entendimento da globalização, no sentido de que a relação instituições/identidade pessoal, vida individual/coletiva, influências globalizantes/disposições pessoais se mesclam numa relação direta de aproximação dos condicionantes: micro e macro, individual e coletivo, local e global como apontava Giddens. Nesse sentido, faz-se necessário, refletir sobre a influência da globalização nas identidades culturais, no sentido de que a globalização também é um processo de complexidades e com várias contradições, na medida em que a cultura pode ser vista como uma mediação política que segue na uma análise da cultura como prática social de poder. Entretanto, a influência

do processo de globalização propõe um conjunto de estruturas da identidade individual que é influenciada pela modernidade através das instituições, mas que também é construída com a internalização, no sentido mais amplo de reconhecer o “eu”. A relação do “eu” se modifica a partir da ideia de que “o eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto-identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações” (GIDDENS, 2002, p. 09).

Se acompanharmos esse espaço social de identidades pessoais não mais passivas na sociedade moderna e, a partir disso, tentar traçar um objeto de análise na qual tente ver as identidades como um campo marcado pelas diferenças. Qual o significado da fluidez das identidades? Como testar as ditas antigas identidades para compreender o sentido das novas? As identidades são frutos de modificações resultantes de interações sociais? Assim, nesse trabalho lançamos o desafio de analisar a contribuição dos estudos culturais desde sua gênese para compreender o processo de mutação do conceito de identidades tácitas para identidades culturais.

GÊNESE DOS ESTUDOS CULTURAIS

Os estudos culturais surgem a partir do repensar a cultura, do processo de redescobrir as culturas nacionais e formas novas de articulação dessas culturas. Embora, já se tinha voltado o olhar para as questões culturais em vários momentos da história, seu eixo central fundava-se inicialmente no entendimento dos processos de organização e reorganizações das sociedades, as tensões nacionais, vindouras de uma nova visão intelectual a partir da segunda guerra mundial.

Podemos qualificar, portanto, a emergência dos *Cultural Studies* como a de um paradigma, de um questionamento teórico coerente. Trata-se de considerar a cultura em sentido mais amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de

um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder (MATTELART, 2004, p. 13-14).

A amplitude de se imaginar a cultura num sentido plural em que a abordagem da cultura como identidade das nações se fragmente para subdivisões culturais de pequenos grupos dentro de um determinado espaço. Um espaço, embora político, com contestações sociais, a partir da não aceitação de grupos marginalizados em aderir às relações de poder estabelecidas por uma padronização da “cultura-nação”. É certo que dessas contestações de grupos marginalizados, ainda pode-se acrescentar para o debate, a disseminação de “componentes culturais ligadas ao “gênero”, à “etnicidade”, ao conjunto das práticas de consumo” (MATTELART, 2004, p. 15), que de forma generalizada está ganhando uma abrangência global. Questões de cunho identitárias como etnicidade e gênero, ligadas às necessidades de consumo trazem consigo a necessidade de um processo interligado de rupturas, na medida em que nesses contextos existem também como apontava Hall (2003, p. 57) uma “proliferação subalterna da diferença”. Para ele, o surgimento da questão multicultural “produziu uma “radicalização” diferenciada de áreas centrais da vida e cultura”.

Parece-nos que a questão central para o surgimento dos estudos culturais seria uma forma de pensar a cultura de forma diferente, visto que no decorrer de algumas décadas percebe-se um movimento de pesquisar sobre as principais características e mobilizações a cerca da introdução na academia através das mais variadas pesquisas com pertinentes contribuições teóricas, bem como os impactos que essas pesquisas estão causando numa perspectiva mais unificada ou global.

Duas questões muito interessantes sobre a introdução dos estudos culturais são abrotadas por Armand Mattelart. A primeira visa “reconstruir trabalhos e debates. Por reflexo, trata-se de pôr fim a um provincianismo francês que leva a fechar o cenho ao mero enunciado do misterioso termo, *Cultural Studies*” (MATTELART, 2004, p. 16). E a segunda seria “compreender as metamorfoses da noção de cultura na última metade do século XX”

(MATTERLART, 2004, p. 17). Nessa perspectiva, a primeira ideia de Matterlart é que embora os textos franceses sobre cultura necessariamente tenham que serem debatidos de forma criteriosa, não se pode ignorar sua importância, haja vista suas contribuições para os debates científicos na contemporaneidade no que se refere à cultura. Na sua segunda ideia, Matterlart nos mostra que é válido compreender as transformações na sociedade, questionando o funcionamento dos modos das culturas no processo de globalização como minimização de estereótipos das massas. É muito interessante os dois aspectos de Matterlart para entender o progresso do debate sobre o termo “Estudos Culturais”, primeiramente a partir dos franceses que depositaram uma atenção minuciosa ao advento, embora nos mostre a necessidade de se analisar as novas contribuições científicas sobre cultura.

Sobre o olhar nos debates sobre os estudos culturais, Stuart Hall já nos alertava para a forma multidisciplinar do entendimento de seu surgimento, no sentido de que para o autor “a busca de origens é tentadora, mas ilusória. Em matéria intelectual princípios absolutos são extremamente raros” (2006, p. 15, *nossa tradução*) o que disso desenvolvem algumas continuidades e rupturas, novas formas de refletir sobre os efeitos externos e internos das intervenções, que segundo o autor, na maioria das vezes, aponta o trabalho para uma reorganização de um conjunto de problemas ou campo de investigação.

No entender de Hall, os problemas teóricos ou o campo investigativo dos estudos culturais é um espaço multidisciplinar, que aponta para uma ambiguidade, de um lado sua fase inicial que não é absoluta, por outro, sua continuidade que não é inalterada. Assim, “não basta o interminável desdobramento da tradição, tão raro à história das ideias, nem tampouco o absolutismo da “ruptura epistemológica”, (...) Ao invés disso, o que se percebe é um desenvolvimento desordenado, porém irregular” (HALL, 2003, p. 123). Parece-nos que os estudos culturais surgem da contingência tradição/modernidade, ou seja, a partir dos desdobramentos dos aspectos tradicionais, que testados tornaram-se não mais rígidos, bem como dos problemas que se pode verificar nos aspectos de sua continuidade. Nesse sentido,

O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas. Tais mudanças de perspectiva refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também a maneira como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados no pensamento e fornecem ao Pensamento, não sua garantia de “correção”, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência. É por causa dessa articulação complexa entre pensamento e realidade histórica, refletida nas categorias sociais do pensamento e na contínua dialética entre “poder” e “conhecimento”, que tais rupturas são dignas de registro (HALL, 2003, p. 123).

O trabalho intelectual de Stuart Hall para análise da origem e continuidade, riscos e contingências dos estudos culturais é impressionante, na medida em que deixa de lado esse debate essencialista para um olhar mais amplo, mais global de se entender os novos acontecimentos, as novas demandas e problemas sociais. Ao preocupa-se com as “rupturas significativas”, Hall destaca a importância de mostrar os benefícios desse processo de rompimento – pensamentos teóricos modificados, antigas perspectivas deslocadas, relações mais íntima de reagrupamento de elementos antigos e atuais para as novas dimensões sociais – ao invés de retermos demasiadamente a relação novo/velho. A metamorfose do processo de mudança propõe transformações significantes nas mias variadas no eixo central das problemáticas, refletindo diretamente nas formulações das questões, na modificação de aplicações das questões e, em especial, nas novas formas de resoluções dos problemas.

As mudanças ou rupturas significativas que Hall destaca intensifica a verificação nos novos contornos do trabalho intelectual, novas maneiras pensarem as transformações perceptíveis na história e as novas formas de pensamento para a existência. Nesse sentido, ao invés de dá ênfase a articulação entre origem e continuidade, Hall mostra que a articulação entre pensamento e realidade, poder e conhecimento são em suas palavras “dignas de registro”.

Para Hall (2003), os estudos culturais iniciam-se seus primeiros passos nos anos seguintes de 1950, como uma problemática distinta, mas não inovadora para seu tempo, na medida em que outros estudos já apontavam para as discussões sobre cultura. É possível destacar nesse período “os dois livros que ajudaram a marcar o novo terreno – *As utilizações da cultura*, de Hoggart, e *Cultura e sociedade 1780-1950*, de Williams – são ambos, de maneiras distintas, trabalhos (em parte) de recuperação” (HALL, 2003, p. 124).

Sobre as duas obras, Hall nos afirma que:

O livro de Hoggart teve como referência o “debate cultural” há muito sustentado nas discussões acerca da “sociedade de massa”, bem como na tradição do trabalho intelectual identificado com Leavis e a revista *Scrutiny*. *Cultura e sociedade* reconstruiu uma longa tradição definida por Williams como aquela que, em resumo, consiste do “registro de um número de importantes e contínuas reações a ... mudanças em nossa vida, econômica e política” e que oferece “um tipo especial de mapa pelo qual a natureza das mudanças pode ser explorada” (2003, p. 124).

Embora em épocas diferentes, pode-se perceber que os autores iniciam uma análise da cultura como espaço social. Ao imaginar *as utilizações da cultura* dentro de uma sociedade de massa, Hoggart constituía um espaço de discussões sobre a massificação das identidades dentro de um meio social, ou seja, um espaço de crítica que visava repensar valores, sentidos e significados, a padronização de valores. Em *Cultura e sociedade*, Williams tem como ideia a unificação de sociedade e cultura, na medida em que era preciso analisar as significativas reações no processo de mudanças sociais, econômicas e políticas, bem como uma forma de analisar mais profundamente a metamorfose dessas mudanças.

As leituras de sociedade apresentadas por Hoggart, Williams e Thompson iniciam, de certa forma, o debate sobre cultura, ou seja, um espaço híbrido de formação de noções culturais para responder as questões postas pela sociedade. Como eram ideias em formação, Hall nos afirma que os autores,

Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, eles próprios construíram respostas às pressões imediatas do tempo e da sociedade em que foram escritos, ou eram focalizados ou organizados por tais respostas.

Eles não apenas levaram a “cultura” a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada (...) eles forçaram seus leitores a atentar para a tese de que, “concentradas na palavra ‘cultura’, existem questões diretamente propostas pelas grandes mudanças históricas que as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria e às quais a arte responde também, de forma semelhante” (HALL, 2003, p. 125).

Na maneira nova de responder as questões colocadas perante a sociedade e, também aos seus tempos surgiu um processo de influências, na medida em que se aponta para a direção de que dentro do debate cultural acumulam-se também uma gama de questões sociais. A mutação da sociedade a partir da relação com o tempo pressupõe respostas rápidas para o advento das modificações dos variados segmentos da sociedade, em especial, as das classes sociais. Nesse sentido, todo esse discurso que foi ao longo do tempo iniciado, implicou num movimento de efervescentes rupturas com as concepções tradicionais.

Para Hall (2006), os autores Hoggart, Williams e Thompson influenciaram o estudo sobre a cultura longe de suas concepções tradicionais, espalhando-se por traz de um censo de ócio do período, no qual se sustentava as distinções existentes entre o texto e o contexto, para mover os argumentos dentro de um campo mais geral de processos político-históricos e de práticas sociais. Embora esse processo de influência dessas rupturas não foi um espaço de localizar-se e de situar-se precisamente dentro de um campo disciplinar, ou autores caminharam para a quebra das estruturas disciplinares existentes de cada época, que segundo Hall (2006, p. 20) “eles foram para um momento definidos como “sociológicos” em um censo perdido, sem ser é claro, sociologia própria”.

Parte-se da premissa que a partir da ideia de ver a cultura, bem como a forma de estudá-la longe de conceptualizações tradicionais era necessária um espaço novo de investigação, pois todos os estudiosos que adentravam mais fortemente na imagem de cultura de práticas sociais não possuíam um campo de investigação estruturado. A quebra do disciplinamento conceptual possibilitou um campo disciplinar fragmentado, muito

embora, esses pesquisadores no processo de gênese intelectual estivessem próximos, ou até mesmo, incluídos ao que comumente chamamos hoje de sociólogos.

Com o espaço de investigação diferenciado a partir da análise do termo “cultura” não mais numa perspectiva tradicional, mas sim, com uma ideia de que a sociedade perpassava por modificações amplas nos aspectos econômico-histórico-culturais, também, necessariamente necessitavam de respostas urgentes ou ao seu tempo. Fez surgir desse espaço de debate o movimento de ruptura com a sociologia, tendo em vista que a sociologia não estimulava essa perspectiva analítica, salvos alguns casos.

Hall (2006) contribui com essa ideia, no sentido de que alguns elementos dentro da “sociologia propriamente dita” foram, também, questões de preocupações nesse mesmo período com algumas temáticas que semelhavam. Nesse sentido, o autor mostra o do trabalho do Instituto de Estudos de Comunidade com exemplo, como também uma maior preocupação com a idéia de comunidade que poderiam ser considerados como uma espécie de comparação, no âmbito da sociologia, da preocupação emergente com culturas em outros lugares.

A construção do movimento de ruptura com a sociologia deu-se ao perceber grandes espaços de discussões sociológicas não centralizava a atenção para essas questões culturais, como por exemplo, “a sociologia britânica não estava predisposta a fazer perguntas dessa ordem. Esse foi o período (1950) de sua massiva dependência das teorias e modelos americanos. Mas a sociologia americana em sua metodologia estrutural funcionalista foi teoricamente, incapaz de tratar com essas questões” (HALL, 2006, p. 20).

Outro aspecto importante que merece destaque nesse debate é que a partir da ruptura com a sociologia, uma nova dimensão de cultura surgiu, na medida em que “a partir desse ponto, os estudos culturais não é mais uma colônia dependente intelectual. Ele tem uma direção, um objeto de estudo, um conjunto de temas e questões, uma problemática distinta” (HALL, 2006, p. 26). Parecenos então, que o processo de metamorfose do entendimento do termo “cultura” necessariamente, se afastou das pré-definições de cultura, para apontar para a análise das novas questões e reformulações. O estudo da cultura se expandiu num fluxo distante de significados dos valores tradicionais.

O impacto do Movimento Feminista com as questões de “gênero” e as questões de “raça” embora não sejam objetos centrais dessa discussão dá uma grande contribuição para a estabilidade dos estudos culturais, visto que foi possível observar que as ciências humanas, não há muito tempo, vêm sofrendo uma ampliação na maneira de problematizar as categorias de análise, as maneiras de abordar e revolver as questões sociais, com as quais o movimento feminista tem contribuído de forma relevante, desde primeiro momento em que se instaurou como campo intelectual. Os estudos feministas buscam, inicialmente, a visibilidade das práticas sociais e políticas das mulheres, na tentativa de reescrever um novo processo social para superar os fatos da história.

O estudo de identidade e representações de gênero têm consolidado uma nova vertente teórica inovadora, tendo em vista que “o gênero é um modo contemporâneo de organizar normas passadas e futuras, um modo de nos situarmos e, por meio dessas normas, um estilo ativo de viver nosso corpo no mundo” (CASTELES, 1999, p. 273) e, também, por seu caráter pedagógico que “desnaturaliza o padrão e aponta a construção do masculino e do feminino como um processo cultural” (CARDOSO E GOMES, 2007, p. 08).

A ideia do gênero empregada nos estudos culturais conduz as questões de gênero para a dualidade masculino e feminino. Nesse sentido, “a valorização do gênero é tributária do trabalho empírico que manifesta as diferenças de consumo e de apreciação entre homens e mulheres em matéria de televisão ou de bens culturais” (MATTELART, 2004, p. 69). A hierarquia é assim colocada como uma forma organizadora dos modelos classificatórios, como um modo de organizar o mundo, baseado no princípio do valor, que confere significado às diferenças de valores de gêneros distintos. Então, desponta, geralmente, um discurso gerador de justificativas biológicas sobre a *fragilidade feminina*, necessárias à política sexual de separação das esferas pública e privada.

Como não notar o quanto os personagens e comportamentos analisados pela literatura sobre as subculturas são quase sempre masculinos, como não se interrogar sobre uma forma de convivência *macho* em certas descrições da cultura operária? Wills e seu modo de falar de “boyzinhos”

são hoje atacados na literatura feminista sobre a escola (MATTELART, 2004, p. 69).

A importância das pesquisas de gênero tem fortalecido a construção de novas bases teóricas para análise da sociedade. Dessa forma, a diversidade dessas teorias dialoga com uma sociedade em transformação que não pode estar arraigada somente aos conceitos universais de cultura. A preocupação de gênero passa a ser investigar novas construções sociais, inseridas em contextos culturais.

Os estudos de gênero é sua condição intelectual, já que o gênero esta testando o que se aproxima e o que se distancia do discurso legitimado por uma identidade. Nesse sentido, as representações de identidade de gênero são usadas como aglutinadoras da identidade artísticas e de posições sociais. Assim, estuda-se a representação da mulher, por exemplo, a partir de uma relação social, afastando-se das concepções tradicionais que pregam o fixo e hegemônico para a identidade de gênero, pois “como uma relação social prática, o gênero pode ser entendido somente através de um exame detalhado de ‘masculino’ e ‘feminino’ e das consequências de ser atribuído ao um outro gênero dentro de práticas concretas” (FLAX, 1991, p. 230).

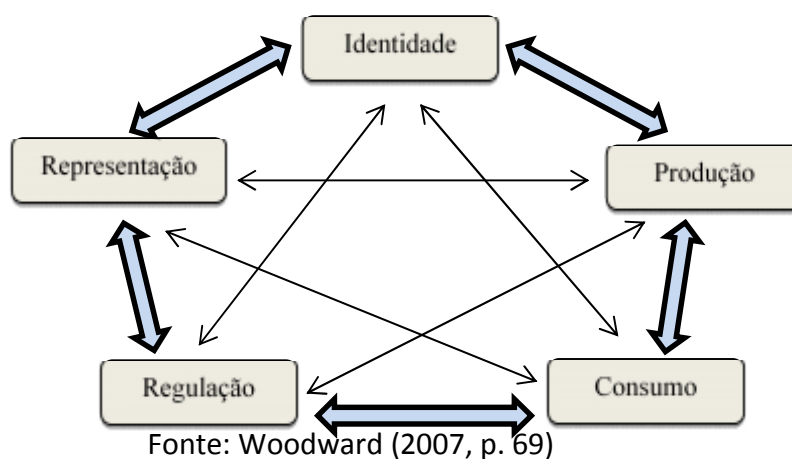
As discussões sobre a temática das relações de gênero visam a desenvolver um processo de crítica e reformulação nas abordagens teóricas, como também, a produção do conhecimento através das práticas investigativas. O caminho do pensamento feminista perpassa pela visibilidade das práticas sociais e políticas das mulheres, na tentativa de reescrever um novo processo histórico que pudesse superar os fatos da história, onde as mulheres, de forma global, ocupavam a posição de subalternas no exercício do poder. E pode-se dizer que o sistema capitalista possibilitou esse processo de reconfiguração das questões concernentes ao gênero, já que as relações sociais, de modo geral, já vinham sofrendo transformações. A posição que a mulher passa a ocupar na sociedade, a partir daí – obviamente, de modo paulatino, tem em vista ações como: expansão, competição, exploração, acumulação e, sobretudo, igualdade entre os gêneros.

A partir desses aspectos, pode-se perceber o quanto o movimento feminista com a perspectiva de análise sobre a variável gênero contribuiu para o desenvolvimento da

perspectiva dos estudos culturais. Segundo Hall (2006, p. 39), “o feminismo tem, portanto, alterado radicalmente o terreno dos estudos culturais. Também trouxe novas áreas concretas de investigação, novos sites de investigação para dentro da agenda dos estudos culturais, bem como reformulando-as já existentes”.

O CONCEITO DE IDENTIDADE

As rupturas com os modelos tradicionais de entender a sociedade contribuíram para reformulações das abordagens teóricas para a análise das práticas sociais (novas demandas e questões sociais, a inclusão a variável gênero e raça, o movimento de migração) foram aspectos relevantes para o surgimento de estudos sobre a cultura de forma diferenciada. Essa construção de um espaço separado da sociologia propriamente dita fez emergir alguns espaços de estudos sobre a cultura, como podemos exemplificar com o Centro para Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham que iniciou o estudo da cultura a partir de uma forma nova de pensar a cultura com a participação ativa do Stuart Hall que pode ser representado pela figura a seguir:



Na apresentação da obra *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Liv Sovik nos afirma que o pensamento de Stuart Hall “passa por convicções democráticas e pela aguçada observação da cena cultural contemporânea. A maioria de seus textos responde a uma conjuntura específica, incluindo aí um momento da discussão teórica sobre a cultura”

(SOVIK, 2003, p. 11). Os estudos de Hall visão o deslocamento das estruturas e os processos centrais da sociedade e a estabilidade das identidades no mundo social.

Hall (1997, p. 10) aponta-nos três concepções diferenciadas de identidades muito relevantes que reflete o processo intelectual de mudança do conceito de identidade fixas para uma identidade mais plural:

- “A identidade do sujeito do Iluminismo baseava-se numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente contrato, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior;
- A identidade de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente;
- A identidade do sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”.

As reflexões de Stuart Hall (1993) sobre as identidades e perfis de personagens centrais da análise da cultura se sustentam na ideia de que as identidades estão sempre em processo de formação, de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Afirma ainda que, embora a noção de identidade esteja relacionada a “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, estes são referenciais insuficientes, que não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro” (HALL, 1993, p. 45). Esta é uma formulação fundamental, porque nos leva à consideração de que as identidades só podem ser vislumbradas no que têm a dizer – sobre si e sobre o seu *outro*, *na relação com o outro*.

É evidente que nenhuma prática social concreta não é a pura expressão ou manifestação de uma relação social única. Nessa linha de reflexão, o conhecimento da cultura, aparentemente banal, pode-se constituir em um ponto de referência, hoje urgente, para que se possa refletir, no campo das ciências humanas, sobre o caráter histórico e cultural desses processos, com o fim de gerar procedimentos democráticos. Para Hall (1997),

a cultura tem a ver com os significados partilhados, num conjunto de práticas; a linguagem é o meio privilegiado com que se dá sentido a tudo isso. Sustenta que o diálogo possibilita a construção de uma cultura de entendimentos partilhados, por conseguinte, a interpretação do mundo.

Neste sentido, é interessante acompanhar a reflexão de Hall (1997) acerca da construção de *representações sociais*, de como se materializam no mundo das ideias, pois, para o autor, há uma associação direta entre representação, cultura e linguagem.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ana Leal. GOMES, Carlos Magno (Org.). **Do imaginário às representações na literatura**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de Gênero na teoria feminina. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses – o feminino como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zaltar, 2002.
- GIDDENS, Antony. **A Constituição da Sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In: KING, Anthony D. (Ed.). **Culture globalization and the world-system**. Londres, LacMilan, Nova York: State University of New York, 1993.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&ª, 1997.
- MATTELART, Armand. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SOVIK, Liv. Apresentação: para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Recebido: 15/09/2011

Aceito: 01/10/2011